

# LINGUASAGEM

## A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA: O ENSINO DE LP A PARTIR DE NOVAS PERSPECTIVAS

Jéssica Santos VASCONCELOS<sup>1</sup>  
Erasmo da Silva FERREIRA<sup>2</sup>

### RESUMO

Não há sociedade homogênea, e as línguas acompanham a sociedade. A língua está no domínio de vários indivíduos que pertencem a comunidades diversificadas, sendo assim, está sujeita a variações. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é essencialmente discutir a inserção da Sociolinguística Variacionista no âmbito educacional, como forma de intervenção pedagógica, pois se sabe que o ensino de Língua Portuguesa é alicerçado às gramáticas normativas, prezando veementemente pela norma padrão e descartando outra forma de linguagem usada pelos discentes, esse fato, muitas vezes, é consequência da falta de conhecimento/preparação do profissional. Para tanto, o referencial teórico utilizado durante a pesquisa, assenta-se nos estudos de Fiorin (2003, 2013), Martelotta (2010), Camacho (2011), Lagares e Bagno (2011), Bagno (2010 e 1999), bem como Labov (2008).

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística; Educação; Inovação; Respeito.

### Introdução

Durante a evolução dos estudos sobre a Linguística, campo do conhecimento que estuda cientificamente a linguagem, considerando o termo “linguagem” como a capacidade humana de comunicar-se com os outros, agir socialmente e modificar/recriar o mundo e a realidade que vivemos, surgiram várias correntes com o intuito de contribuir com esses estudos, expondo suas definições, as quais são divergentes e diversificam-se. Sendo assim, algumas destas correntes, a saber, são: o Estruturalismo, Gerativismo e a Sociolinguística Variacionista, pautadas nos estudos desenvolvidos por Ferdinand de Saussure, Noam Chomsky e William Labov, respectivamente.

<sup>1</sup> Graduanda em Letras – Português e suas Literaturas pela a Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Garanhuns. Atualmente é Bolsista da CAPES no Programa Institucional de Iniciação à Docência, PIBID/CAPES. E-mail: jesan.d@hotmail.com

<sup>2</sup> Prof. Me. Erasmo da Silva Ferreira, Orientador, e docente do Departamento de Letras da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Garanhuns.

As definições/contribuições de Saussure, são indubitavelmente necessárias para os estudos linguísticos, bem como as de Chomsky e Labov. A partir das discussões desses teóricos surgiram-nos alguns questionamentos que serão levantados e discutidos ao longo deste trabalho.

Labov é o precursor da Sociolinguística, campo pertencente à Linguística, entretanto, com objetos de estudos opostos. Esse campo trata da língua enquanto aspecto social, a analisa levando em consideração os fatores externos. Sabe-se que as coisas mudam e com a língua isso não seria diferente, ela é um sistema que está em constante mudança justamente por estar no domínio de indivíduos os quais pertencem a comunidades de fala diferentes. É normal deparar-se com o assombro de pessoas mais jovens pelo uso da linguagem por pessoas mais velhas e também o inverso dessa situação, pois com o decorrer do tempo muitas palavras entram em desuso e outras as substituem, assim, conclui-se que a língua é um sistema complexo, adaptativo e inerentemente heterogêneo.

O artigo está organizado da seguinte forma: primeiramente, farei uma abordagem mais ampla do Estruturalismo, focalizando na definição de língua/fala e no paradoxo Saussuriano, bem como no Gerativismo, levando em consideração a definição de língua e a aquisição da linguagem; a seguir discutirei sobre o que é a Sociolinguística, conhecendo o objeto de estudo desse campo, fazendo uma comparação entre esses campos. Tendo como foco a Sociolinguística, discutiremos o que ela acarreta no meio social, que é o preconceito linguístico. Partindo desse pressuposto, surge uma indagação: por que não ensinar essa ciência no âmbito escolar? Essa indagação será respondida ao longo do trabalho, visto que a função do profissional de Letras transcende o ensino de regras gramaticais.

## **2. CONCEPÇÃO DE LÍNGUA NAS VERTENTES ESTRUTURALISTAS E GERATIVISTAS**

A língua é um objeto complexo, assim, surgem várias correntes para explicá-la. A primeira delas é o estruturalismo, pautado nos estudos do grande teórico Ferdinand de Saussure. Ele apresenta a dicotomia entre língua, definida como “*langue*” e fala, definida como “*parole*”. A primeira sendo o conhecimento abstrato, social, homogêneo e estático; a segunda, individual e assistemática. Partindo dessa análise, Saussure enfatiza que:

[...] a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente. [...] O Estruturalismo, portanto, compreende a língua, uma vez formada por elementos coesos, inter-relacionados, que funcionam a partir de um conjunto de regras, constitui uma organização, um sistema, uma estrutura. (MARTELOTTA, 2010, p. 114)

A partir disso, podemos perceber que o teórico propõe a “*langue*” como sistemática e a escolhe para ser seu objeto de estudo, para ele, essa sistematicidade só existe nela, enquanto na fala esse fator é limitado ou até mesmo ausente. Partindo desse pressuposto de língua sistemática, coesa e que obedece a princípios de funcionamento, há uma confusão, dado que, a língua é abstrata, e não havendo a “*parole*” a existência dessas características estaria aniquilada, pois a fala é a matéria pela qual a língua se manifesta.

Como já foi citado, para Saussure a língua é social, mas ele e seus seguidores a analisam com poucos informantes, sem levar em consideração os fatores externos, nem o indivíduo imerso no social, em um contexto específico, isso é uma contradição que será mais explanada a seguir.

Consoante Fiorin, Noam Chomsky (Fiorin, p. 77) separa a língua E da língua I, define a primeira como: “um construto teórico formulado a partir da totalidade dos enunciados linguísticos produzidos numa comunidade homogênea” e língua I tendo a linguagem como um sistema interno na mente do falante, e opta por a última. A partir dessa concepção de língua, defende que a aquisição da linguagem está relacionada à aspectos biológicos, mais especificamente o inatismo, onde o conhecimento linguístico é vivo na mente humana, ele defende que o indivíduo nasce com um dispositivo, o qual contém conhecimento linguístico, sendo a capacidade de comunicar-se (faculdade da linguagem), esse modelo surge em resposta a outros teóricos que defendiam a aquisição da língua somente no contato social/externo com membros da sociedade. Mas esse dispositivo é ativado no meio social, a experiência em sociedade estimula esse dispositivo, ou seja, apesar do teórico defender o inatismo ele não exclui o contato com outros indivíduos em sociedade, conclui-se que, apesar de ser inata, precisa do contato social.

Lemos em Martelotta (2010, p. 133-134) que Chomsky salienta que o falante pode produzir e compreender uma vasta gama de frases/enunciados sem antes ter ouvido ou produzido nenhum deles, ele relaciona esse fato à *competência* linguística que é o conhecimento das regras que formulam as frases, “em parte inata e em parte

adquirida” (MARTELOTTA, 2010, p. 60); e o uso da língua é definido como *desempenho*. Simplificando isso, poderia ser respectivamente língua e fala. Chomsky tem como objeto de estudo a competência, uma noção idealizada.

Com o crescimento do Gerativismo, a competência linguística deu lugar à (GU) Gramática Universal que é descrita como as relações gramaticais as quais às línguas têm em comum, para descrever essa (GU) surge à teoria dos Princípios e Parâmetros, tendo relação com a Sintaxe. Para Martelotta, (2010, p. 136) “[...] entendemos por ‘princípio’ as propriedades gramaticais que são válidas para todas as línguas naturais, ao passo que ‘parâmetro’ deve ser compreendido como as possibilidades [...] de variação entre as línguas”. A partir dessa definição de princípios e parâmetros, podemos concluir que, o primeiro é a existência de regras as quais os membros da comunidade devem seguir e são invariáveis; o segundo como um sistema aberto, pois algumas línguas fixam os parâmetros com determinada ordem sintática e outras línguas com outra, ou seja, de maneira diferente. É, portanto, aos princípios e parâmetros que a gramática gerativa atribui o processo de variação, onde ela ocorre devido a um erro de fixação de parâmetros, uma falha vista como exceção, com casos minoritários, entretanto, essa variação linguística não é a mesma estudada pelos sociolinguistas, pois a variação discutida por Chomsky ocorre somente na Sintaxe.

Inteirando-se do objeto de estudo e da concepção de língua do Estruturalismo e do Gerativismo, surge uma indagação: a língua é vista como homogênea ou heterogênea? Saussure diz que a língua é sistemática e homogênea, sendo assim, não permite variações; é social, entretanto é analisada com poucos informantes, e a fala é individual, mas só pode ser analisada no social, surgindo assim o paradoxo Saussuriano, seu objeto de estudo é a “*langue*” porém, esta é abstrata, e a ciência não pode estudar um conhecimento abstrato, que para existir precisa ser posto em prática por intermédio da “*parole*”.

Chomsky tem como objeto de estudo a língua I, que é o conhecimento interno da linguagem na mente de todos os falantes, e a competência, definida como o conhecimento da língua. Para ele, a língua também é homogênea, ou seja, não permite variações, entretanto, há ocorrências deste tipo na Sintaxe, mas esse processo é visto como uma restrição, por isso a gramática gerativa não tem seus estudos direcionados ao processo de mudança linguística. Mais uma vez, o objeto de estudo é abstrato, porque existindo somente na mente do falante (inato) não pode ser estudado. Há uma contradição em relação a esse modelo, pois se a língua é inata, o indivíduo não

precisaria do contato social, e sabe-se que quando um homem vive sem o contato social (isolado) não consegue comunicar-se com os outros; se é homogênea, não permitiria variações, mas essas são perceptíveis e, diferentemente de como o Gerativismo defende, não ocorrem de forma insignificante.

São essas concepções de língua, as quais não têm um objeto de estudo concreto que dificultam o estudo da Linguística. Partindo do viés que Chomsky (Gerativista) e Saussure (Estruturalista), ressalto que, esses dois teóricos fazem parte do estruturalismo, a primeira sendo uma corrente neoestruturalista, têm como objeto de estudo, respectivamente a competência e a língua que são sistemas abstratos, Labov, por sua vez, propõe uma teoria que aproxime a língua do seu contexto de uso concreto, propondo que a língua não seja vista como um sistema homogêneo como esses teóricos defendiam, mas como um sistema heterogêneo ordenado, ou seja, um sistema que permita variações.

Com esse objetivo, Willian Labov surge com a área da Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação. Diferentemente do Estruturalismo e do Gerativismo que tinham como objeto de estudo a língua, ele sugere a utilização real da língua, e a língua só é usada/manifestada por intermédio da fala, optando por esta última. “A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu contexto real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística.” (MARTELOTTA, 2010, p. 141). A partir disso, pode-se perceber que, além de ter um objeto concreto, a Sociolinguística Variacionista é social por levar em consideração fatores externos, porém a partir de uma perspectiva divergente de Saussure, que rotulava a língua como social por ser um sistema adquirido pelos os indivíduos no contato social, ignorando todos os fatores externos e optando apenas por sua estrutura interna.

Para essa área, as línguas se forjam a partir de seu uso em contextos interpessoais e sociais, sendo assim, o modo de falar de cada indivíduo, isto é, as variantes estão relacionadas a fatores sociais, como: classe econômica, etnias, nível de escolaridade, entre outros. Ressaltamos que os termos variação e mudança linguística são termos opostos, uma vez que o primeiro pode ocorrer em alta escala, mas não se fixar, e o segundo só ocorre quando é consolidado em uma língua. Há a variável estável que acontece quando não possui uma variante predominante e a variação instável a qual ocorre quando duas ou mais variantes competem e uma ganha prestígio e se propaga. A

mudança linguística está relacionada à variação instável, sendo o resultado da competição de variantes.

### **3. TIPOS DE VARIAÇÃO: UM ESTUDO DOS FATORES QUE INFLUENCIAM SUA OCORRÊNCIA**

Como já foi apresentado, as línguas variam. Não estamos em um caos linguístico devido às variações, estamos usando um sistema heterogêneo. Seria um caos se os membros de uma comunidade não conseguissem se comunicar, porém apesar de apresentar variações, permanecem coerentes e permitem que a comunicação seja eficaz.

A Sociolinguística analisa a língua em uso (a fala), porém Labov (2008, p. 220) aborda que há alguns problemas em lidar com ela, por apresentar agramaticalidade, frases malformadas, isso acontece porque no uso real da língua, no cotidiano não há tantas elaborações, pelas dificuldades de ouvir e gravar, pelo fato de não haver um lugar específico para que as entrevistas ocorram e se o entrevistado é levado para outro lugar, conseqüentemente saberá da finalidade da entrevista e adequará sua fala, isso será um problema para encontrar as variações, esse fato constitui o paradoxo do observador.

Segundo Ronald Beline (Fiorin, 2003. p. 157) “a cada ato de fala, o falante busca adequar seu idioleto à situação em que se encontra, aproximando-o do idioleto de seu interlocutor... A língua precisa, então, ser maleável e flexível para permitir essa construção”. Esse tipo de variação é denominado: variação diafásica ou situacional, e está relacionada à situação a qual o indivíduo está introduzido, mais especificamente o grau de formalidade ou informalidade da situação. Tomemos, como exemplo, um advogado em uma audiência, este, por sua vez, irá usar termos rebuscados, pois a situação permite e exige isso, entretanto, saindo daquela audiência este mesmo advogado em uma situação informal com seus amigos pode se utilizar de gírias, ou até não falar todas as palavras com concordância nominal/verbal, e isso não quer dizer que não saiba usar o Português padrão, mas a situação informal não exige os termos usados em seu trabalho, até porque as pessoas com quem está havendo a comunicação podem não compartilhar da mesma linguagem, então o advogado adequa seu modo de falar a situação e aos seus interlocutores.

Outro exemplo é uma pessoa que não concluiu o Ensino Fundamental comunicando-se com um professor universitário em uma situação mais formal, essa

pessoa irá tentar aproximar sua linguagem ao primeiro e não terá êxito, assim surgirão variações, mas sendo possível de entender. Podemos concluir que, o indivíduo usando a linguagem padrão ou não, a língua é coerente, ou seja, ela tem sentido e as pessoas podem entender-se sem problemas maiores.

Outro tipo de variação abordada por Ronald Beline (Fiorin, 2003, p. 122) é a variação lexical ou diatópica, Beline defende que, embora pessoas compartilhem a mesma língua (Língua Portuguesa) algumas vezes fazem parte de diferentes culturas/regiões, onde há outra nomenclatura para um mesmo termo, “Macaxeira” “Aipim”. Beline ressalta que “O que importa, inicialmente no estudo da variação linguística é que ambos os vocabulários podem ser usados para fazer referência ao mesmo fruto” (p. 122). Ou seja, são formas divergentes de dizer a mesma coisa. Também há a variação diatópica no nível fonético, por exemplo o /r/ paulistano e o /r/ aspirado carioca/nordestino na palavra “porta”, sabemos que o objeto referido é o mesmo, havendo a mudança apenas no nível fonético.

Outro tipo de variação é a sintática, ocorre quando a estrutura da frase muda, por exemplo: “Não quero” e “não quero não”, a segunda forma é muito utilizada pelos nordestinos, para enfatizar a negação, entretanto não há necessidade de inserir um advérbio de negação antes e depois do verbo, mas a compreensão dos dois enunciados é possível sem nenhum tipo de dificuldade.

Abordamos a variação relacionada a diferentes culturas/regiões como a diatópica, a diafásica relacionada ao grau de formalidade da situação e a diafásica fonética, entretanto Ronald Beline ressalta que:

Não temos atitudes apenas diante da língua falada em lugares diferentes, também nos posicionamos diante de modos de falar correlacionados a fatores sociais, tais como escolaridade e nível econômico. Sabemos, intuitivamente que, no PB, por exemplo, deixar de fazer a concordância de número no sintagma nominal (artigo, núcleo nominal e eventuais adjuntos) é um indício de baixa escolaridade, que em geral vem de mãos dadas com baixo nível econômico... Trata-se então de um exemplo claro de que as atitudes linguísticas não estão delimitadas apenas por fronteiras geográficas, mas também por fronteiras sociais. (FIORIN, 2003. p. 129)

A partir disso, podemos perceber que a variação transcende os tipos de variação tratados anteriormente e também tem relação com fatores sociais, como: classe econômica e nível de escolaridade. Ronald Beline discute que quando a falta de concordância nominal de X é observada por Y, este último associa o primeiro à um indivíduo de classe econômica inferior e com um grau de escolaridade limitado.

Tomemos por exemplo uma pessoa que diz: a) “As menina irão estudar” e outra que diz: “As meninas irão estudar”, a pessoa que executou a primeira frase está inclusa no grupo de classe baixa e nível econômico inferior, entretanto a que executou a segunda frase, seguindo as normas do Português padrão, contendo a concordância nominal, artigo/determinante no plural, bem como o substantivo que o acompanha é associado ao grupo oposto. Esse tipo de variação associado a situação econômica é denominado variação diastrática.

#### **4. O ENSINO DA SOCIOLINGUÍSTICA NO ÂMBITO EDUCACIONAL**

Sabe-se que o ensino de Língua Portuguesa nas escolas segue o modelo das gramáticas normativas, a qual preza pelo o Português Padrão (PP), havendo regras de concordância nominal, verbal e de construções sintáticas. O ensino de uma língua puramente homogênea, a qual não permite variações, como Saussure (Estruturalista) e Chomsky (Gerativista) defendiam. Essa língua é privilegiada como uma forma de ascensão social, ou seja, quem possui-la e dominá-la será reconhecido na sociedade, ao passo que, quem não tiver conhecimento da mesma, utilizando-se apenas da língua não padrão, não terá mérito social e sua linguagem será vista como errada, estigmatizada.

Entretanto, já foi discutido que essa visão de língua é inviável e não tem fundamento em uma sociedade, tendo em vista que as pessoas são diferentes e não compartilham de uma mesma cultura, região, classe econômica ou nível de escolaridade (fatores os quais influenciam a ocorrência de variações) sendo assim, a língua desses indivíduos será heterogênea devido a esses fatores citados e já abordados ao longo deste artigo.

É comum que os alunos de uma escola pública, os quais na maioria das vezes têm uma situação econômica desfavorecida não usem todas as regras gramaticais ensinadas na escola em seu cotidiano e podem indagar: “Será que tudo o que falo é errado?” O objetivo da inserção da Sociolinguística no âmbito educacional é justamente desmistificar essa noção de errado imposta pela escola/professores e levar o aluno a compreender que não existe certo ou errado como ressalta Fiorin (2013): “no trato com variantes, devemos substituir o par certo/errado pela dicotomia adequado/inadequado” (p. 40) e o que ele aprende pela gramática normativa não é o único modelo de língua a

ser seguido e a língua usada por ele não é a que não pode ser usada em nenhuma situação, como muitas vezes é abordado na escola.

O professor deve instruir o aluno que, a língua é e pode sim ser heterogênea, todavia devido ao valor que foi imposto pela sociedade à língua padrão, em determinados contextos, não é adequado usar certo tipo de linguagem, como vimos no exemplo do advogado, que em uma audiência não irá se utilizar de gírias, porém fora daquela situação, em um contexto mais informal, com os amigos, por exemplo, ele pode usar essa linguagem sem nenhum problema, esse irá ser um caso de variação situacional ou diafásica, como já foi salientado aqui e como ressalta Monteagudo (LAGARES; BAGNO, 2011, p. 44) “trata-se de admitir que, reciprocamente, num estilo informal é também ‘inadequado’ empregar certas variantes padronizadas.” Nesse tipo de variação, subentende-se que o indivíduo em questão tem conhecimento das regras linguísticas, não obstante, ele pode alternar essa linguagem de acordo com a situação a qual ele está imerso, havendo a ruptura de apenas uma língua para todos os contextos situacionais, que seria a língua padrão.

Todavia, alguns usuários da língua não têm conhecimento da norma padrão e a contribuição que a Sociolinguística Variacionista deve dar como ressalta Martelotta (2010, p. 238) é:

[...] a possibilidade de se superar o tratamento estigmatizado dos usos linguísticos por intermédio da consideração de que todas as expressões têm sua legitimação e motivação justificadas pela multiplicidade de fatores intervenientes do âmbito social. Com base nessa perspectiva, a chamada “norma culta” ou “língua padrão” passa a ser vista como mais uma variante de uso, uma forma de expressão tão eficiente como todas as outras que circulam na comunidade linguística, que assumem a posição modelar e exemplar do “bom” uso idiomático mais por razões extralinguísticas, ligadas à situação de prestígio. (MARTELOTTA, 2010, p. 238)

Como foi citado, a língua não padrão é a estigmatizada e desprestigiada, isso é uma forma de preconceito e não há lugar melhor para combater esse fato do que na escola, afirmando que toda forma de se comunicar verbalmente é viável, desde que seja coerente e é necessário entender que as variações ocorrem por determinada causa, (algumas delas já foram explanadas), causas as quais muitas vezes os indivíduos não escolhem, sendo assim, o que está em questão é o respeito a todas as variantes e a norma padrão é uma dentre elas, é tão eficaz quanto as outras, entretanto é preciso sempre salientar que, o acesso à norma padrão (que a escola nos proporciona) nos dá possibilidades de realizá-las em determinados contextos; a escola também deve

propiciar o respeito com outras variantes para com indivíduos que fora do âmbito educacional não têm acesso a essas normas, então, as pessoas que não a conhecem não tem possibilidade de adequar a língua a situação, pois só tem conhecimento da língua não padrão.

Trazendo essa questão para o ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente na área da Literatura, é perceptível que as obras e autores estudados são os mais conhecidos, os quais fazem parte do cânone literário e usam uma linguagem “cultura”, “rebuscada” que seguem rigorosamente o Português padrão presente na gramática normativa, muitas vezes são de uma época muito antiga e a linguagem é muito mais “difícil”, sendo assim, os alunos não conseguem entender devido a realidade deles ser muito diferente. A literatura de cordel é uma forma de manifestação artística, porém, fica às margens educativas. Por que não trabalhar com ela em sala de aula? Ora, é uma arte do nosso estado e sua linguagem aproxima-se a nossa, muitas vezes contém variantes, mas nem por isso deixa de ser uma riqueza cultural.

O livro “*A língua de Eulália*”, de Marcos Bagno, trata da variação linguística de uma empregada doméstica, que as utiliza devido a fatores sociais, como: grau de escolaridade e nível econômico. Como foi visto toda variação tem uma justificativa no âmbito social, levando-o para sala de aula, os alunos podem identificar-se com algum tipo de variante usada e ao longo da leitura irá perceber que não há essa ideia de certo/errado e acima de regras sociais deve existir o respeito.

Marcos Bagno (1999) defende que devemos combater o preconceito linguístico e isso pode/deve ser realizado na escola “cada um de nós, professor ou não, precisa elevar o grau da própria auto-estima linguística: recusas com veemência os velhos argumentos que visem menosprezar o saber linguístico individual de cada um de nós.” (p. 115 ). A esse aspecto, Bagno preza pelo respeito a todos os tipos de linguagem (principalmente para quem não conhece a norma padrão), e sem dúvida isso deve ser abordado na escola, mas sempre levando em consideração a questão da dicotomia adequado/inadequado, para que os alunos não pratiquem nem sejam vítimas do preconceito linguístico.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos ser necessário começar as considerações finais pela importância de trabalhar a Língua Portuguesa não somente de forma homogênea prezando veementemente pela norma padrão, mas também não a excluindo, visto que sua importância é nítida na sociedade, pois apesar de ser uma das variantes, esta é considerada de prestígio em certos contextos, para que o indivíduo tenha ascensão social.

Ao longo deste trabalho, vimos que Labov propõe a língua de forma heterogênea, sendo assim, o ensino dessa língua deve se dar dessa forma, trabalhando a norma padrão, mas não desprezando as variantes usadas pelos discentes, considerando-as erradas em todos os contextos, pois como Fiorin abordou, devemos trocar a noção de certo/errado pela noção de adequado/inadequado; sempre enfatizando o poder que a língua tem de oprimir ou fazer o indivíduo progredir.

Como foi visto aqui, há diversas maneiras de trabalhar a Sociolinguística no âmbito educacional, cabe ao docente rever suas posturas.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 16. Ed. 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 12. Ed. Ed. Layola. São Paulo: 1999.
- CAMACHO, R. D. **Da linguística formal à linguística social**. Compromisso teórico com a natureza inerentemente social da linguagem. São Paulo: Parábola, 2013.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística**. A variação linguística. São Paulo: Contexto, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Linguística? Que é isso?** (Org.) São Paulo: Contexto, 2013.
- LABOV, Wilian. **Padrões sociolinguísticos**. O estudo da língua em seu contexto social. São Paulo: Parábola, 2008.
- LAGARES, Xoán; BAGNO, Marcos. **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. Variação e norma linguística: Subsídios para uma (Re)visão. (org). São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2010.

**Como referenciar este artigo**

VASCONCELOS, Jéssica Santos; FERREIRA, Erasmo da Silva. A variação linguística na sala de aula: o ensino de LP a partir de novas perspectivas. **revista Linguagem**, São Carlos, v.28, n.1, jan./jun. 2018, p. 418-429.

**Submetido em:** 04/09/2016

**Aprovado em:** 02/05/2018